



## **OS SENTIDOS DA ALIMENTAÇÃO: PARA UMA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA DA ALIMENTAÇÃO**

**Gabriele Cornelli**

A pergunta que deve estar na cabeça de todo mundo é: O que é que um filósofo está fazendo quando fala de alimentação? Quais os interesses e os motivos que levariam alguém que se ocupa de temas sisudos como a metafísica e a lógica a interessar-se por isso? A resposta deve ser procurada em duas histórias pessoais, autobiográficas, que quero antepor à tratção daquilo que, propriamente, me propus: os sentidos da alimentação.

### **Duas entradas**

A primeira diz respeito àqueles que eu chamaria de momentos inaugurais de minha aproximação teórica sobre alimentação: estava em Piracicaba, lecionando filosofia na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), e tive o imenso prazer de, junto com a “Ilustre e voraz Sociedade das Quartas-feiras”, participar da fundação do curso de Gastronomia de lá. O fato de um

filósofo ser considerado fundador de um Curso de Gastronomia, algo bastante inédito, depende mais da generosidade dos amigos fundadores e, de maneira especial, do Coordenador do mesmo curso, o prof. Paulo Ferretti. Mas o fato de eu ser filósofo de alguma forma criava um problema para a Sociedade, um grupo de colegas amigos, inspirados nas experiências de Grimod de la Reynière, “inventor” da moderna gastronomia: o que é que um filósofo vai fazer num Curso de Gastronomia? O mais óbvio seria criar uma disciplina de Filosofia da Alimentação. Mas isso existe? – nos perguntávamos. Fui ver, dei uma pesquisada, e vi que de fato existe.

Um outro momento formativo desta reflexão diz respeito a quando o SESC me convidou para pensar um pouco o conceito do seminário do qual deriva a presente publicação. A proposta era de falar de segurança alimentar, mas pensada na condição de cultura.

Logo me veio à cabeça alguma coisa que está no eixo da primeira parte desta obra: a idéia da festa. Antes de ser um projeto político, de país e de Estado, como os textos aqui reunidos muito bem explicam, a segurança alimentar sempre foi uma preocupação das pessoas comuns, das nossas avós, das culturas mais antigas e tradicionais, desde sempre. E as culturas sempre trabalharam a segurança alimentar exatamente através da festa. Foi nesse momento que compreendi que o eixo teórico para pensar segurança alimentar e cultura é exatamente o da festa. Porque a festa foi sempre a maneira pela qual as diversas culturas pensaram a segurança. O exemplo mais clássico e prosaico é talvez o do bolo de aniversário: o imperativo categórico do bolo de aniversário (Kant me perdoe a brincadeira) é que deve ser enorme e deve sobrar muito. E isso é exatamente segurança alimentar, ou seja, a festa celebra a abundância. Trabalha-se simbolicamente a utopia da abundância: está sempre faltando comida, a luta da segurança alimentar é uma luta cotidiana, mas – é como se o bolo dissesse – não hoje: hoje vai ser abundante, hoje vai haver muita coisa, muito mais do que o necessário. Essas estratégias culturais fazem parte do nosso cotidiano. E servem exatamente para nos lembrar que é importante cuidar dessa abundância.

É no momento da festa que afirmamos valores de segurança. E as políticas públicas, a gestão social seguem, correm atrás daquilo que o ser humano nas mais diversas culturas já está descobrindo sozinho e desenvolvendo como estratégia de uma vida boa. Nosso papel de intelectuais e gestores públicos é o de organizar saberes para torná-los políticas. Mas os saberes estão todos lá. Não os inventamos, mas os recebemos. Este parece-me o ponto de partida necessário para pensarmos a segurança alimentar: olhar para a cultura de segurança que brota do povo. Desta forma, e somente desta forma, ao que me parece, nossas políticas públicas serão diferentes: não compactuarão com *soluções para microondas*, ou seja, políticas já prontas. Não colocarão o pacote de medidas sociais no *microondas* da máquina administrativa e pronto!

### **Antropologia filosófica da alimentação**

Falar dos sentidos da alimentação é aquilo que me proponho, portanto. No interior de um projeto de conhecimento, falar de antropologia filosófica e alimentação pode parecer algo sisudo, mas é, certamente, uma brincadeira com o termo “sentidos”, e além disso uma pequena síntese do que pensei até agora sobre o tema.

A proposta é entender a alimentação, a comida, a própria cozinha – esta, fundamental para compreender a alimentação humana – como se ela tivesse três sentidos, que são os seguintes: ecológico, político e poético.

Não se trata, claramente, de pensar uma experiência sensorial, dos sentidos *neste* sentido. E sim de um sentido filosófico, que carregue a significação de verdade, de caminhos para compreender. A pergunta pelo sentido da alimentação é, portanto, a pergunta sobre como compreender a alimentação, como compreender a cozinha.

Um pouco ao estilo de Nietzsche, que é um filósofo de quem eu gosto muito, eu diria que uma das questões fundamentais na vida – e isso vale para

toda a filosofia – é conhecer o tamanho do próprio estômago. Isso é fundamental. Ele escreve isso num livro chamado *Ecce Homo*. O tamanho aqui é tomado também em sentido filosófico, obviamente: isto é, o que o estômago nos diz, qual a verdade dele.

Para entender o primeiro sentido – o **ecológico** – pensei numa belíssima história. É uma antiga lenda Palestina, uma anedota da cabala judaica, que compara dois mares: o Mar da Galiléia e o Mar Morto. O Mar Morto, como todo mundo sabe, é uma poça de água salgadíssima, onde até é possível boiar, de tão salgada. Nada cresce em volta dele. Ao contrário, o Mar da Galiléia, mais para cima, é um lago maravilhoso, cheio de peixes: desde as narrativas antigas míticas da religião judaico-cristã, bíblicas, há referências a este *mar* cheio de vida. A história da cabala judaica à qual me refiro quer dizer o porquê disso, o porquê dessa diferença. A diferença é geológica: é que o Rio Jordão, que entra no Mar da Galiléia, também sai do Mar da Galiléia. Então, o Mar da Galiléia recebe do Planalto de Golan esse rio, que vai descendo; recebe o rio, vive do rio, e deixa o rio fluir. O que o Mar Morto não faz: pintado como *moralmente egoísta*, ele retém essa mesma água. A explicação é simples: está tanto calor naquele *buraco*, que é do Mar Morto que a água, não tendo tempo de criar uma estratégia de saída, um efluente, se evapora. Essa é sua culpa.

Mas a história judaica, que quer explicar por que o mar é salgado, nos introduz diretamente no sentido ecológico da alimentação: alimentar-se é uma troca contínua com o mundo. Há aqui uma espécie de ecologia da alimentação a ser pensada. Alimentar-se é receber, mas é também passar. Do ponto de vista fisiológico o processo a ser descrito é óbvio, não quero descrevê-lo neste momento, mas há algo além da questão fisiológica que esta anedota cabalística nos mostra muito bem: isto é, reter é morrer não só fisiologicamente, mas é morrer nessa troca de vida que vamos implementar na alimentação entre nós e o mundo.

De alguma forma o sentido ecológico da alimentação é um convite a descobrir uma relação cultural com a natureza que implique não numa atitude de posse, violência, rapina, roubo; não, ao mesmo tempo, ao que me parece,

numa relação de respeito sagrado, com um certo ecologismo naïf que parece sugerir quando define interditos como, por exemplo, com relação aos animais; não se trata aqui de contrastar, ou menos, o vegetarianismo. O que se quer dizer é que a postura não é essa: a postura é a de entrar em uma relação de troca, que é vital, enquanto vital é a fruição do prazer da natureza. E esta troca, que se dá principalmente pela alimentação, é como uma metabolização desse prazer, que permite a perpetuação da vida, e não o fim dela.

Este sentido ecológico da alimentação está presente nos mitos mais antigos da nossa cultura. A história da humanidade na Bíblia, por exemplo, começa com um problema de comida: o que se pode ou não se pode comer, os frutos da árvore do Bem e do Mal. Ou podemos pensar nos estudos de Lévi-Strauss no Brasil, que resultam em obras fundamentais para a antropologia cultural, como *O cru e o cozido* e *Do mel às cinzas*.

No meio dessas cinzas antropológicas, as quais mostram a relação com o animal que nos ensina a comer, é que se inicia a alimentação animal. É interessante notar que, tanto no Gênesis quanto nos mitos bororós que Lévi-Strauss estuda, estes mitos todos colocam o envelhecimento como pena por não ter o ser humano respeitado uma lógica ecológica da alimentação. Uma das grandes conseqüências dos erros da relação ecológica do ser humano com o alimento é o envelhecimento. Como se ele não existisse antes, como se, de qualquer forma, a perda de uma eternidade, uma eternidade primordial, fosse, sem pensar no ponto de vista religioso, laicamente, resultado do erro ecológico na alimentação. Aqui entendo eternidade no sentido de perpetuação da vida, da natureza. Então, quebra-se o fluxo natural e eterno das coisas: começa algo errado, começa a morte a se instaurar. Porque a vida não morre, a natureza não morre, sabemos disso pela física desde os tempos mais antigos.

De alguma forma, portanto, este primeiro sentido ecológico nos lembra que alimentar-se é entrar numa troca de amor com a natureza, no sentido mesmo do amor como nós vivemos, o amor em geral. O que é de fato o amor, senão uma forma de posse, de pertencimento?

Não é o caso aqui de desenvolver uma antropologia do erotismo, mesmo porque não só do amor erótico estamos falando, mas também do amor filial, por exemplo. Mas amar é uma forma de posse: você é meu, você é minha. Trata-se, porém, de uma posse diferente do poder e da mercantilização. É uma posse da pertença recíproca, é a posse não da outra pessoa, é a posse da relação. É a posse de quem diz: "Que bom que eu tenho essa relação, que bom, não vou abrir mão dela!" É aqui que talvez encontremos o sentido mais profundo de uma alimentação ecológica: comer de maneira ecológica é aprender a amar, aprender a ter uma relação com a natureza e com o alimento e com aquilo que é simplesmente natural, mas que cria e promove a eternidade. Como o amor. Pois o desejo de todos os amantes é que o amor não acabe nunca. Assim como o desejo de todos os bons comedores, e no limite de todos os seres humanos, é que a comida não acabe nunca.

A festa é este desejo ritualizado, antropologicamente revelado em rituais e mitos. Mas para que a comida não acabe nunca é preciso pensar ecologicamente. Este é, portanto, o primeiro sentido da alimentação.

O segundo sentido a explorar é o sentido **político**. Ele está escondido, normalmente, no jogo das nossas linguagens. Quando se fala que um alimento é *bom para comer*, ou *ruim para comer*, por exemplo, está-se falando de duas coisas ao mesmo tempo. Ambas têm uma acepção ambígua. De um lado, entendemos com estas expressões indicar a viabilidade nutricional do alimento: não se pode comer um certo cogumelo porque é venenoso e até mortal. Por outro lado, estamos utilizando a mesma expressão e indicando, de alguma forma, o valor político desse alimento, isto é, estamos já deslizando para o âmbito da política, dizendo que este alimento é resultado de algo que não é bom, de algo que não funcionou como devia. Estamos aqui naquele jogo de relações, que é o mesmo que jogamos agora quando tratamos do sentido ecológico, mas as reações dizem respeito somente ao âmbito humano, e por isso, político, das relações entre os seres humanos no interior de uma cultura, não mais do ser humano com a natureza. O que significa que um elemento

é bom para comer, em sentido ético e político? É a discussão, por exemplo, da alimentação fast, do *fast food*. A pergunta é: é bom comer isso? Em que sentido? Do ponto de vista do déficit ou do *plus* nutricional de certas coisas que você vai comer? É esta a sua pergunta? Mas poderíamos estar-nos perguntando se é bom comer desse jeito, *fast*, isto é, dos *modos* da alimentação. Ou, mesmo, se aquele empreendimento social que produz alimentos faz bem às pessoas que trabalham para ele. Se o fast do food não significa uma produção do alimento também fast, e, portanto, com procedimentos que exploram o próprio ser humano? Poderíamos também estar-nos perguntando – para dialogar com o sentido ecológico – se é bom fazer isto com os alimentos, produzi-los dessa forma.

Portanto, é este o ponto da questão, aquilo que *é bom para comer* não é apenas aquilo que é viável nutricionalmente. Pois quando nos perguntamos se um alimento é bom para comer, em sentido político, estamos nos perguntando o que é bom para a sociedade que se coma, e como isso é bom, isto é, sob quais condições de produção, distribuição e consumo, ou seja, de trabalho humano. Há para isso uma outra história, que novamente é advinda da Cabala: é a história da cegonha. Certa vez um discípulo inquiriu um rabino, dizendo: “Por que é chamada a chassida (cegonha) de ‘chassida’ (que em hebraico também significa devota, piedosa)?” Respondeu o rabino: “Porque está sempre alimentando os seus e preocupando-se com eles.” “Então por que” – retrucou o discípulo – “a sua carne não é considerada kasher (própria para o consumo)?” Disse o rabino: “Porque ela se preocupa *apenas* com os seus!”

Essa história trata destas relações políticas: do trabalho que produz alimento, daquilo que faz o sofrimento chegar à mesa. E vamos dizer isso agora, claramente: aquilo que é produzido no campo por relações de exploração não pode fazer bem. É infelizmente a situação do campo no Brasil, sobre a qual não preciso me deter, pois sua dramaticidade está evidente a todos. É possível que, imediatamente, não crie nenhum problema do ponto de vista nutricional. Mas a médio e longo prazo o alimento que explora o trabalhador

faz mal. Estamos comendo algo que nos faz mal socialmente e politicamente. A idéia é que daqui a duas ou três gerações teremos problema com isso, se não tivermos antes. Assim, o que é *bom para comer* é também o que faz politicamente bem. A boa comida é a comida produzida da maneira justa.

Há movimentos no mundo inteiro – como os movimentos ligados ao *comércio équo e solidário*, por exemplo, que se pautam por isso. A proposta deles é fornecer alimentos (mas não só) que venham de comunidades norteadas por uma certa justiça na sua produção. E para isso, o primeiro passo é enfrentar a lógica capitalista selvagem dos atravessadores das multinacionais, que multiplicam por dez ou quinze vezes o preço pago ao produtor só para transportar de um continente para o outro. A proposta é oferecer ao consumidor um produto que seja bom para comer no sentido político aqui desenhado.

É algo que se pode estruturar em lugares onde se tem muita escolha, onde se tem muito dinheiro e abastecimento, em lugares como a Europa, onde se pode escolher tomar um café qualquer ou tomar um café produzido de maneira équa e solidária. Esta é uma crítica que se poderia fazer: a de ser um modelo de gestão da justiça na alimentação que vale para os ricos, que podem escolher. Algo parecido com aquilo que se poderia dizer dos movimentos do *Slow Food*. Mas parece-me, de toda forma, uma idéia, um conceito do que é bom para comer que tem seu lugar, sua validade, na presente discussão sobre os sentidos da alimentação. Cabe um dado, ao menos: 10% dos alimentos consumidos na Holanda provêm desse tipo de comércio équo e solidário. Configurar-se-ia, no interior desta lógica, a presente situação: nas prateleiras dos supermercados, onde já escolhemos normalmente entre alimentos produzidos com ou sem agrotóxicos, teríamos uma terceira possibilidade: poderíamos optar por um alimento politicamente bom, produzido por comunidades que não são exploradas, por trabalhadores que têm carteira assinada no campo, confeccionados por empresas em regra com o INSS etc. Utopias do campo, talvez. Mas também utopias de mesa.

Há um terceiro sentido da comida. O mais íntimo, talvez. O mais difícil de ser “tocado”. Mas ao mesmo tempo o mais fascinante e aquele que – quanto compreendido – nos torna todos “filósofos alimentares”, conhecedores do ser humano. É o sentido que capta a comida em seu valor *eurístico*: a comida nos diz quem somos, nos faz conhecer a nós mesmos! Desenvolver uma consciência alimentar é muito mais do que simplesmente ter cuidado com a saúde, ecologia e política: é algo que nos faz conhecer a nós mesmos. Eu não saberia quem sou sem o *risotto* do meu pai, a polenta na panela de barro na lareira, o bolo de maçã de minha avó, o molho de tomate, o *tiramisú*.

Desde o antigo adágio socrático (*Conhece-te a ti mesmo!*), freqüentarmos nossa intimidade e sabermos por onde pisamos quando andamos por ela, sempre tateando, é uma das preocupações mais graves e um dos maiores desafios de cada ser humano.

Chamo este sentido de **poético**, em seu sentido mais originário, da *póiesis* grega, isto é, da *criação*: poético porque significa a criação de nós mesmos: comer é nos criar a todo momento, física e espiritualmente, isto é, eticamente. Falaremos então de um sentido ético e poético, que ao final significam a mesma coisa.

Chamo em ajuda a própria etimologia: cozinheiro é *mágheiros* em grego, uma palavra que tem em comum com a magia do *mágos* a mesma raiz *mag-*: o mago é o contínuo transformista, transformador da realidade (de príncipe a sapo e vice-versa – só para a gente se entender), é re-criador. Assim, cozinhar é um ato de rebeldia das leis do mundo: é reinventar continuamente nossa relação com ele.

Surpreendi-me recentemente com uma excelente instalação na Bienal de São Paulo (Edição 2006), de Antoní Miralda, (*Sabores e Línguas*, 2006): um projeto internacional de fazer poesia “dentro dos pratos”... e dizer de cada cidade e de cada ser humano.

É este o sentido de uma antropologia da alimentação que assume o tom nietzschiano de compreender o tamanho do próprio estômago em sentido quantitativo, isto é, do espaço da fome em nossa definição antropológica. Mas também é necessário olhar para este estômago na condição de algo seletivo, do ponto de vista cultural: isto é, o ser humano como autor de escolhas precisas do ponto de vista culinário e mesmo gastronômico.

E dar um passo além, poeticamente, filosoficamente, a tentar compreender o sentido mais profundo do ser humano constituindo-se como ser cultural, auto-poético, fazer de si mesmo. Com toda a sua tragédia humana, e com todo o gosto.

Em conclusão, suspeito que o sentido poético da alimentação esteja profundamente escondido dentro da prática da cozinha. Vamos só ensejar aqui um começo de desenvolvimento desta idéia: a fome é uma rebeldia forte contra a perda entrópica de energias vitais, uma resistência à morte. A cozinha e a gastronomia são *tempo culturalmente regrado*, ritmos para resistir ao tempo entrópico da morte.

Comer é lutar contra a morte e o perecer da vida, mas afirmando trágica e corajosamente o efêmero, o que não é eterno. Essa é a idéia do sentido poético: ocasião, possibilidade através da transformação do alimento, de dizer quem somos. E não só a cultura, mas cada indivíduo, através da produção de alimentos, está de alguma forma dizendo poeticamente, recriando o mundo.

É uma das possíveis definições da cultura: pegar as coisas como estão, na natureza, e transformar naquilo que se quer. É isso que faz a cozinha: toma-se o alimento natural, transforma-se-o naquilo que se quer comer.

Assim, o alimento, de matéria, se faz poesia.